

no 11—N.º 65  
de Outubro de 1931  
preço 1 Esc.

# Reporter X

## Grandes batalhas navais do "Reporter X"



Concursos  
KOLOSSO  
Semanais

4.000 escudos  
de prémios  
por semana!

~~~~~  
Ler condições nas  
pag. 4 e 5

# reporter



O SEMANÁRIO  
DE MAIOR TIRAGEM E EXPAN-  
SÃO EM PORTUGAL

Grandes reportagens e crítica a todos  
os acontecimentos de sensação  
nacionais e estrangeiros

Sai aos sábados e é posto à venda  
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C. CAL

Director e Editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(Reporter X)

Chefe da Redacção  
**MÁRIO DOMINGUES**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Alecrim, 65—TEL. 2 1276—LISBOA  
End. Electr.: REPORTERX—LISBOA

Composição e Impressão  
SOCIEDADE EDITORIAL «A B C», L.da  
Rua do Alecrim, 61—Rua da Luta, 1-B

#### PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses—série de 12 números—Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » —Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescem os respectivos portes  
**Pagamento adiantado**

## PASSAPORTES

Espanha, França, Brasil e América do Norte  
AGENTES NO NORTE DA

### UNITED STATES LINES

Nicolau Ferraz

R. do Loureiro, 60

Porto Tel. 762

## NOVELA POLICIAL

A fim de acertarmos definitivamente a sua organização e para a remodelarmos introduzindo importantes melhoramentos, de acordo com o interesse sempre crescente que esta colecção literária, única no nosso país, despertou no público desde o primeiro número, suspendemos nas últimas semanas a sua publicação.

## A "NOVELA POLICIAL"

vai agora reaparecer, publicando o N.º 32 **A aventura dum português na Rússia**, original inédito do Reporter X.

Números publicados:

- |                                  |                                       |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| 1 O homem dos 3 braços—esgotado  | 17 Amarelo e vermelho                 |
| 2 A chuva de prata               | 18 Estranhas aventuras do dr. Z.      |
| 3 Os 3 cadáveres do dr. Máximo   | 19 O homem que embalsamou Le-<br>nine |
| 4 O espiã de Bruxelas            | 20 O tratado secreto                  |
| 5 As azagaias da princesa mulata | 21 A pequena macaísta                 |
| 6 O segredo da mina              | 22 A rua sinistra                     |
| 7 A mulher-águia                 | 23 O «rato de hotel»                  |
| 8 O crime do «Sud-Express»       | 24 O filho de platina                 |
| 9 Segredos da Morte              | 25 O jardim das flores envenenadas    |
| 10 O homem sem boca              | 26 Os «Filhos da Noite»               |
| 11 Os 7 túmulos                  | 27 O segredo dos Távoras              |
| 12 O fantasma do «Nicola»        | 28 O colar de pérolas negras          |
| 13 O mistério do chinês          | 29 A caça ao fantasma                 |
| 14 O crime da Rua da Esperança   | 30 Os anfíbios do Tejo                |
| 15 O túmulo do jarão             | 31 Os 3 transformistas                |

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingido para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

## KOMOL

KOMOL, dispendo de 18 cores à sua escolha, desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxílio de ninguém, restituir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

## CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20, Telefone N. 3831.—Depositário—FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240—Telefone 2 1415—Agente no Porto—A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

## CYMA

Se V. Ex<sup>a</sup> tem de presentear alguém, deve lembrar-se que um relógio desta marca, é o melhor presente que pode encontrar.

VENDE-SE EM TODAS AS  
RELOJARIAS E OURIVESARIAS

## A B C - ZINHO

O ÚNICO JORNAL PARA CRIANÇAS  
QUE SE PUBLICA EM PORTUGUÊS

y **B C-ZINHO** sai às segundas-feiras

Todos devem ler o A B C-ZINHO porque instrue, educa, diverte e custa só **1\$00**

Preços por assinatura:— Por ano (52 números) 48\$00; por 6 meses (26 números) 24\$00; por 3 meses (13 números) 12\$00.

Pedidos à Administração:— Rua do Alecrim, 61 a 65

Basta escrever um postal e o A B C-ZINHO irá parar a sua casa

# Homens & Factos do Dia

## Os vendilhões do Templo

**S**INTO uma grande admiração e um profundo respeito pelos homens que têm uma crença, seja ela cristã, budhista, mahometana ou laica. Não é com os cépticos, os que duvidam de tudo e de todos, os que não têm fé numa vida mais ampla e mais perfeita do que esta que vivemos, dia a dia, sem horizonte, sem luz espiritual, sem sonho, sem aspiração de Beleza, de Justiça e de Equidade, que o mundo marcha. Se a Humanidade tivesse sido sempre constituída por cépticos, não teríamos passado ainda do tempo das cavernas. São os crentes, os crentes sinceros, que fazem mover a roda do Progresso.

O sentimento religioso é nato no Homem. Uns amam um Deus; outros adoram um manipaço; outros, ainda, creem apenas, com toda a fé, com todo o entusiasmo, com toda a sua aspiração de Progresso, nas faculdades extraordinárias do Homem. A fé toma as modalidades que o temperamento e a inteligência de quem a sente lhe imprime. E, para mim, tão respeitável é a crença do católico que se prostra ante um altar como a do ateu que entende que só pela Educação e pela Ciência se pode alcançar a libertação da Humanidade. O que eu não posso tolerar é que falsos crentes explorem egoístamente em seu proveito material a crença dos sinceros. Contra esses, contra os maus sacerdotes de todas as religiões, contra os falsos apóstolos dos mais belos ideais, é que eu ergo indignado o meu protesto.

O gesto enérgico de Jesus Cristo expulsando do Templo os vendilhões que conspurcavam com o seu egoísmo reles a imaculada beleza do ideal de divindade é um simbolo que, interpretado no nosso tempo com a mesma energia do divino mestre, abalaria profundamente os alicerces da Igreja. E' que em torno da doce colmeia das crenças populares esvoaçam, ávidos, os zangãos parasitas e gulosos. E esses zangãos são a principal razão do descrédito da Igreja.

Será possível que as autoridades eclesiásticas autorizem que uns meninos, com esplêndido corpo para actividade mais útil, enxameiem os portais das igrejas,

com maços de imagens sagradas nos bolsos, e tentem impingir santos aos transeuntes como os chineses que oferecem colares de pérolas falsas ou macaquinhos de pedra polida? Não, não é possível. Aqueles rapazotes que estão maculando com o seu negócio mesquinho o prestígio e a pureza que as coisas sagradas devem ter para os crentes sinceros, aqueles homens válidos que, de costa direita, imitam por fôrma tão desgraçada e repugnante os vendilhões que Jesus expulsou do templo são com certeza ignorados das autoridades eclesiásticas.

Estes especuladores de relíquias sagradas, estes parasitas do catolicismo são tão repugnantes como alguns falsos apóstolos das ideias avançadas que fazem subscrições para a defesa da causa — e guardam o dinheiro. Uns e outros são vendilhões miseráveis que exploram em seu proveito e por processos reles as crenças sinceras de cada um.

Entre esta espécie parasitária e aquela pobre velha que há dias atravessou o Rossio de joelhos para ir pagar uma promessa à igreja de São Domingos, não hesito: prefiro a ingenuidade da velha — por muito cómica, por muito ridícula e estranha que seja a sua atitude nesta altura da civilização. Antes a insensatez sincera que a sórdida velhacaria.

Há uma fauna de beatas cuja sordidez corre parelhas com a dos vendilhões. São umas velhotas melissuas, de olho ladino e geito de falsa piedade nos lábios, que andam agora de porta em porta rogando um

auxiliozinho para pagarem uma promessa. Em regra, as senhoras a quem se dirigem enternecem-se facilmente com a ladainha da pedinte e — tostão aqui, tostão ali — essas sacrificadas à divina promessa amealham maiores proventos do que alguns operários sem trabalho forçados a estender a mão à caridade do transeunte insensível. Outros pedem um auxilio para mandarem dizer uma missa por alma de um ente querido. No fundo é tudo uma ignóbil especulação, tanto mais ignóbil quanto é

certo ser feita em nome de crenças puras que — razoáveis ou insensatas — estão muito acima destas sórdidas manobras. Admitindo, porém, que o dinheiro mendigado se destina aos fins evocados, que valor podem ter ante um Deus omnipotente e justiciero uma promessa ou uma missa que não são pagas com o sacrificio de quem promete? O sacrificio é a moeda com que se pagam a Deus os seus favores — e não pode lograr favores divinos quem arremessar para os outros o sacrificio de pagá-los.

O mais grave — pelo descrédito que pode provocar — é quando a exploração da crença, em vez de ser feita por particulares, como nos casos apontados, é exercida pela própria Igreja, pelos seus sacerdotes, por aqueles que se dizem directamente inspirados por Deus. Se Cristo — como os seus ministros proclamam — assiste lá das alturas ao espectáculo que a Humanidade lhe oferece, a sua maior mágoa não deve vir da contemplação dos herejes, dos que não creem, mas daqueles que em seu nome atraíam a sua doutrina toda feita de Amor, de Justiça e de Desinteresse das coisas materiais e terrenas.

Se a doutrina pregada por Jesus — doutrina de Amor, de Beleza e de Justiça que é admirada mesmo pelos que não acreditam na sua divindade — fôsse compreendida pelo coração e pela inteligência e seguida à risca como ideal de solidariedade humana, o mundo já teria mostrado ao sol resplandecente da Verdade uma face mais bela.

E não seriam possíveis neste vale de lágrimas as desigualdades sociais, as injustiças, as invejas que aviltam e as

(Continua na pag. 15)



O VIAJANTE: — Rapaz, vende-me jornais para não me aborrecer no comboio.

— Só tenho o Reporter X...

— Não faz mal! Compro todos por causa do CONCURSO «KOLOSSO»

# Grandes batalhas navais do REPORTER X

## Concursos KOLOSSO Semanais

Sem despesas, sem cadernetas, sem «coupons», sem colecções, sem massadas

**NÃO PERCA TEMPO! BATA-SE COMNOSCO!**  
**4 mil escudos de prémios! !de prémios semanais!**

1.000 escudos para Lisboa — 1.000 escudos para o Porto — 1.000 escudos para Coimbra —  
 1.000 escudos para as províncias e uma quantidade infinita de pequenos prémios pecuniários

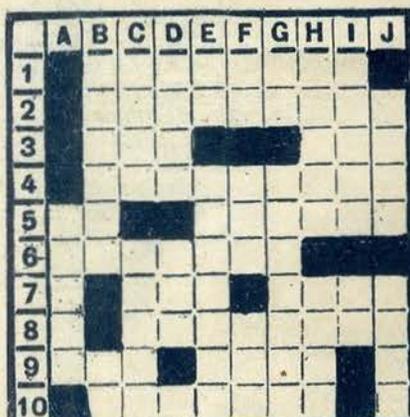
**TODA A GENTE PODE OBTER PRÉMIOS DESDE QUE SE BATA COMNOSCO!**

**Concursos de solução rápida, fácil e palpitante**

Os concursos KOLOSSO semanais do *Reporter X*, a que todos podem concorrer, são divertidos, simples, de resolução rápida e palpitante.

Todas as sextas-feiras, às **10 horas da manhã**, será afixado, em Lisboa, na montra da Tabacaria Chave d'Ouro, no Rossio; no Porto, na casa Manuel da Silva Braga, na Praça da Liberdade, 129, e em Coimbra, na Tabacaria Silva, Rua Ferreira Borges, 41, um envelope KOLOSSO, fechado e lacrado, contendo dentro um rectângulo, como este:

EXEMPLO:



Dentro deste retângulo oculto no envelope, em posição horizontal ou vertical e separados uns dos outros, o *Reporter X* colocará as seguintes unidades da sua *esquadra*:

- 1 navio almirante de 4 canos, que ocupará 4 pequenos quadrados seguidos.
- 2 cruzadores de 3 canos, que ocuparão, cada um, 3 pequenos quadrados seguidos.
- 3 «destroyers» de 2 canos, que ocuparão, cada um, 2 quadrados seguidos.
- 4 submarinos, que ocuparão um pequeno quadrado, cada.

### Pouco trabalho

A habilidade de cada concorrente estará em destruir esta *esquadra*, cujas posições se encontram escondidas no envelope, com uma série de **quarenta e cinco tiros**, que marcará (sem tocar as linhas, sem rasuras nem emendas) ao centro de cada pequeno quadrado.

EXEMPLO:

|    | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1  | • |   |   | • | • |   |   |   | • | • |
| 2  |   | • |   |   |   |   | • |   |   | • |
| 3  |   |   |   | • | • |   | • |   |   | • |
| 4  |   | • |   |   |   | • |   | • |   | • |
| 5  |   | • |   | • |   |   | • |   | • | • |
| 6  | • |   |   |   | • |   |   |   | • |   |
| 7  | • | • |   |   | • |   | • |   |   | • |
| 8  | • | • | • |   | • |   | • |   |   | • |
| 9  | • |   |   | • |   | • |   |   |   | • |
| 10 | • |   |   |   | • |   | • | • | • | • |

Os tiros marcam-se com um ponto a finta na «Folha de combate» que publicamos todas as semanas. Essa «Folha de combate» será preenchida pelo concorrente com o seu nome e morada conforme o impresso indica, e entregue pessoalmente ou pelo correio (e neste último caso acompanhada de um selo de \$15) até às **19 horas da terça-feira seguinte**, na

Administração do *Reporter X*, Rua do Alecrim, 65, 1.º, para os concorrentes de Lisboa, que receberão em troca uma senha numerada. Os concorrentes do Porto e de Coimbra farão a entrega da sua «Folha de combate», respectivamente, na Praça da Liberdade, 129 e



Rua Ferreira Borges, 41, até às **17 horas** préfixas de terça-feira, recebendo igualmente em troca uma senha numerada. Os das províncias enviar-nos-ão as suas «Folhas de combate» pelo correio, de forma a chegarem à Rua do Alecrim, 65, 1.º, na terça-feira seguinte à da publicação de cada folha, acompanhando a remessa com a franquia de \$15 centavos a-fim-de-lhes ser remetida a respectiva senha numerada. Dentro dos prazos estabelecidos qualquer concorrente nos pode enviar de qualquer ponto do país a sua «Folha de combate», acompanhada da franquia postal, para a nossa administração de Lisboa.

### Na semana seguinte

Na semana seguinte os envelopes KOLOSSO afixados em Lisboa, Porto e Coimbra serão abertos à frente do público, patenteando as posições da nossa *esquadra*, e o *Reporter X* desse dia reproduzirá as mesmas posições, por onde os concorrentes verificarão, num relance, até que ponto os seus tiros foram eficazes e destruidores.

E logo ao lado desse envelope aberto outro envelope KOLOSSO surgirá fechado e lacrado contendo as posições da *esquadra* para a grande batalha da nova semana que começa.

### O DINHEIRO IMEDIATO

Imediatamente à abertura dos envelopes, em Lisboa, Porto e Coimbra, a nossa administração na Rua do Alecrim entregará os prémios aos vencedores de Lisboa e enviará pelo correio os prémios aos das províncias; na nossa Agência do Porto levantarão os concorrentes os seus prémios e na de Coimbra proceder-se-á de igual modo.

**Rápido! Irrefutável! Decisivo!**

### Como se ganham os prémios

Os concorrentes que possuam a senha numerada que damos em troca da «Folha de Combate», preenchida e marcada pelos **quarenta e cinco** tiros, estão habilitados aos seguintes prémios:

### 1.º PRÉMIO:

**500 escudos**

Cabe ao concorrente que **afundar todas as unidades**. No caso de haver mais de um concorrente nestas condições, será o prémio sorteado entre estes, que assistirão todos ao sorteio, a que presidirá um júri idóneo. Após este sorteio, os concorrentes deste grupo a quem não tenha tocado o 1.º prémio **receberão 50 escudos** cada, como prémio de compensação.

## 2.º PRÉMIO 200 escudos

É entregue ao concorrente que **maior número de tiros acertar e mais unidades afundar a seguir ao primeiro premiado.** No caso de haver mais de um concorrente em idênticas condições, proceder-se-á a um sorteio igual ao do primeiro prémio, recebendo os que perderem uma compensação de 20 escudos, cada um.

## 3.º PRÉMIO 100 escudos

Será dado ao que **não atingir nenhuma unidade.** Como nos prémios anteriores, se houver mais de um concorrente deste grupo em igualdade de circunstâncias, far-se-á o desempate por sorteio, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não forem bafejados pela sorte.

## 4.º PRÉMIO 100 escudos

Cabera ao concorrente que **afundar o navio almirante, sem atingir as outras unidades.** Como nos anteriores, no caso de empate, decidir-se-á por sorteio, cabendo um prémio de compensação de **10 escudos** para os que não alcançarem os 100 escudos.

## 5.º E 6.º PRÉMIOS 50 escudos, cada

Aos dois concorrentes que **afundarem os quatro submarinos, sem atingir as outras unidades.** Havendo mais de dois concorrentes nestas condições, proceder-se-á a um sorteio idêntico ao que já anunciamos, cabendo **10 escudos** de compensação aos que não lograrem o prémio inteiro.

### Importante:

Serão eliminados todos os concorrentes que **não cumpram as indicações** publicadas;

Que marquem os seus tiros em papel diferente da «Folha de Combate» que o *Reporter X* publica todas as semanas. **Só serve a Folha do «Reporter X»;**

Que não reclamem o seu prémio um mês depois da publicação da respectiva «Folha de Combate».

Cada premiado receberá o prémio em troca da **senha numerada**, e do seu **retrato** que, no caso do premiado não o possuir, o *Reporter X* se encarregará de tirar.

**Não perca o seu tempo.**

**Bata-se comnôco!**

**4.000 escudos de prémios. 1.000 escudos para Lisboa. 1.000 escudos para o Porto. 1.000 escudos para Coimbra. 1.000 escudos para as províncias.**

**Não perca o seu tempo.**

**Bata-se comnôco!**

# Folha do primeiro combate

## CONCURSOS KOLOSSO SEMANAIS

### Batalha naval do REPORTER X

|    | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |    |
|----|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|
| 1  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 1  |
| 2  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 2  |
| 3  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 3  |
| 4  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 4  |
| 5  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 5  |
| 6  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 6  |
| 7  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 7  |
| 8  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 8  |
| 9  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 9  |
| 10 |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   | 10 |
|    | A | B | C | D | E | F | G | H | I | J |    |

Nome do concorrente \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Número \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

# MILIONÁRIOS...

Foi um português que deu ao velho Rothschild a ideia que proporcionou uma das maiores fortunas do mundo

ROSE de Rothschild, do ramo inglês desta célebre família, acaba de publicar o *Diário* que o seu bisavô deixara sob condição de só o revelarem setenta anos após a sua morte. Nesse *Diário* lê-se uma imprevisível e mui curiosa referência a Portugal — motivo porque hoje o evocamos e o comentamos. Antes, porém, é preciso filmar a extraordinária história dos Rothschild, desde o início da dinastia até aos nossos dias... Se muitos dos nossos leitores o conhecem através da escandalosa comédia *Les 4 messieurs de Francfort*, outros a ignoram e sem esse detalhe dificilmente o assunto pode ser valorizado pelo seu legítimo interesse...

Portugal é um país pobre, sem milionários. Daí o suspeitar talvez que eles só existem na fantasia literária ou, quando muito, apenas na América do Norte... É um erro. De facto, os Estados Unidos são um viveiro de fortunas inverosímeis. A dos Rockefeller, por exemplo — a maior de todas, a do «Rei dos Petróleos» —, iniciada por um simples afinete, produz a bagatela de 500 escudos-ouro por segundo, e seriam necessários dez gigantes de 170 metros de alto, cada (oito vezes a estátua de D. Pedro), para transportarem! A dos Carnegie, o «Rei do Aço», vem logo a seguir, e basta dizer-se que gastam mil milhões de dólares anuais em obras de filantropia e cem mil milhões em quadros e *bric-à-brac* para se avaliar o montante... E a dos Astor, «Rei das Peles» cujo palácio em Chicago custou cinco vezes mais do que a residência do Rei de Inglaterra; e a de Morgan, o «Rei dos Navios», cujo herdeiro possui, para viajar, dez *yachts*, qualquer dos quais vale milhões; e a dos Spreckler, o «Rei do Açúcar», que compraram — compraram é o termo — dois terços da República do Haiti... para passar o verão; e a de Weigthman, de Filadélfia, «Rei do Quinino», que, ao morrer, deixou a um velho caixeiro da farmácia onde ele, quarenta anos antes, iniciara a sua fortuna, a bagatela de cem milhões de dólares; e a de Armour, o «Rei dos Porcos», em cujo matadouro se abatem, por minuto, cem animais, gastando uma fortuna anual em drogas para «isolar» o fartum a sangue que exala e que tornava irrespirável o ar numa área de alguns qui-

lómetros em redor...; e a de Gordon Bennett, fundador do *New York Herald*, que gratificou com um milhão de dólares o *reporter* que descobriu, no interior de Africa, Werlest, explorador que se perdera; e a de Hearst, o «Rei das Revistas», proprietário de 200 *magazines*, que tem feito milionários muitos jornalistas que trabalham para ele e que pagava 800.000 francos por cada artigo inédito de Blasco Ibañez!

Sim! A América é um viveiro de milionários mas não possui o exclusivo. A China, por exemplo, êsse misterioso e imenso país dos horrores e dos prodígios, conta fortunas mais sólidas ainda, e em maior número. Li-Hung-Chang, o homem mais rico do mundo, cujo rendimento de um minuto é dez vezes superior ao de duas horas de Rockefeller, é chinês. A Alemanha teve também um arquimilionário ao nível dos *yankees*, Stettine, «Rei dos Aços, da Navegação, dos Jornais», de todos os grandes negócios, e que se arruinou num dia, enlouquecendo quando dois dos filhos se suicidaram, um terceiro foi preso por *escroc*



Carnegie, o «Rei do Aço»



Gordon Bennett, fundador do «New-York Herald»

e a esposa se viu obrigada a aceitar um emprêgo para viver. Na Inglaterra, que é o país europeu onde se reúnem maiores fortunas, a grande maioria dos milionários é uma consequência ainda do feudalismo visto que as suas riquezas provêm da posse das terras, que ganharam como senhores feudais e que foram dilapidando, sucessivamente, através das gerações. O Duque de Shuterland, por exemplo, é proprietário de 600.000 hectares de terreno e possui dez castelos e quarenta palácios. Dois terços dos seus benefícios gasta-os em obras de arte. Mais de cem grandes pintores e escultores dos dois continentes vivem à larga, graças às encomendas deste rico. Mas mais rico do que ele é o jovem Duque de Westminster, que herdou apenas 30.600 ares de terrenos, 30.000 dos quais valem menos do que os de Shuterland, mas em compensação os restantes 600 correspondem ao bairro mais importante de Londres, bairro cujo terreno tem um valor incalculável. Basta dizer que só o rendimento desses 600 ares corresponde ao triplo dos 600.000 hectares já citados! Os Walter, proprietários do *Times*, valem alguns milhões de libras e vários banqueiros de Londres giram os seus negócios em volta dessa fortuna. A mais surpreendente fortuna inglesa é a dos ju-



Os velhos Rothschild, fundadores da dinastia

deus Newnes, fundadores de uma revista humorística — o «Tib Bits», um «Sempre Fixe» que em poucos anos proporcionou lucros num valor de dois milhões de libras e em cujas instalações cabiam cinco *Séculos*... E sai apenas uma vez por semana, contendo caricaturas, aneddotas, um ou outro artigo ou conto sério.

A França está recheada de milionários. A viúva Menier, a «Rainha» do célebre chocolate Menier, perdeu, há anos, cinco milhões de francos num mau negócio e recebeu a notícia a rir. A maioria das fábricas de *films* franceses trabalha financiada por ela. Gauchard, o dono dos grandes armazens «Louvre» — uns cinquenta Grandelas de Paris, reunidos na mesma rua —, possui, no seu próprio palácio, uma crêche para mil órfãos, que são tratados como príncipes. Duffayel, antigo caixeiro de uma retrosaria, criador do negócio de «Tudo a prestações sem fiador», manteve durante a guerra uma fábrica de munições à sua custa. E, nota curiosa; assim como na América e na Inglaterra, em França também o jornalismo tem produzido milionários. Dupuy, modesto *reporter* e fundador de um pequeno semanário, hoje proprietário do *Petit Parisien*, é um dos homens mais ricos da Europa. Hunzelin, modesto tipógrafo de Nancy, fundador e proprietário do *Impartial de L'Est*, da mesma cidade, conseguiu, com êsse diário provinciano, uma fortuna de vinte milhões de francos. Em Espanha, Luca de Tena, o fundador do *Blanco y Negro* e *A B C*, entre muitos, fez-se milionário, graças à imprensa. Em Portugal, só o Silva Graça, do *Século*, e os fundadores do *Diário de Notícias* e o Balter, do *Janeiro* do Porto, retiraram umas fortunas razoáveis dos seus jornais. Fortunas razoáveis — nada mais...

Mas vamos aos Rothschild...

Os Rothschild eram cinco filhos dum modesto judeu de Francfort. O pai mandou cada um para uma capital diferente: para Londres, Viena, Paris, etc.. Depois, sem capital, conseguiu que cada um deles, aproveitando-se da crise financeira geral que convulsionava a Europa, propusesse aos governos e aos banqueiros um negócio de *transferências*, idealizado por ele, que era a salvação da crise. Os governos e os banqueiros de cada país ignorando o *truc* e delirando ante a «boa e inédita ideia» dos Rothschild, eram os primeiros, por natural interesse, a calarem-se e a deixarem agir... E assim, simultaneamente, fizeram-se cinco *transferências* de muitos milhares de libras, de francos, de marcos, de corôas, e, graças a essa mesma simultaneidade, nenhum dos Rothschild necessitou desembolsar um centimo — que, aliás, não possuíam, porque, mesmo para as viagens e despesas de representação (êles procuravam aparentar ri



Os primeiros lord e barão de Rothschild

queza), tiveram de vender móveis e fazer empréstimos. Os governos e banqueiros dos cinco países ficaram infinitamente gratos aos seus salvadores — nos quais eles viam autênticos génios de uma nova técnica financeira; e os Rothschild viram-se premiados com a percentagem dessas cinco transferências — as quais somavam uma fortuna, base de uma das mais formidáveis fortunas do mundo.

Como sempre, o difícil é conquistar o primeiro milhão. De rico a riquíssimo é um passo. Quando esses cinco judeus morreram, estavam arqui-milionários. Os filhos, os netos, os bisnetos — formando cinco ramos da mesma família —, uns em Londres, outros em Paris, outros em Viena, etc., fo-



Morgan pai, banqueiro



Rockefeller, o «Rei da Petróleo»

ram dilatando constantemente a sua herança, que hoje representa muitos milhões. Ainda em vida dos primeiros se descobriu o *truc* que servira de gazúia à sua fortuna e reboou um escândalo que durou um século. Mas, apesar disso, os Rothschild, depois de ricos, eram feitos nobres. Os de Londres eram «lords»; os da França, barões; os da Áustria, viscondes...

Vejamos agora o capítulo em que o velho Rothschild, pai dos cinco *messieurs de Francfort*, se refere a Portugal. São poucas linhas. Confessa o seu plano das transferências simultâneas — e depois escreve: «Devo, por justiça e por gratidão, declarar que a ideia não era minha. Eu nem sequer a desenvolvi ou aperfeiçoei. Recebi-a já completa, pronta a executar-se. Vinte anos antes, conheci em Francfort um português que era uma das inteligências mais extraordinárias que se possa imaginar. Tão inteligente como culto e como indiferente à vida. Estava na miséria e doente. Protegi-o, hospedei-o na minha casa, tratei-o, curei-o. Nas vésperas de regressar ao seu país — era eu quem lhe pagava a viagem —, disse-me: «Se você um dia quiser ser rico, posso dar-lhe uma ideia que lhe servirá de base a uma fortuna imensa». E revelou-me a sua ideia, escreveu-a, fez contas, provou a sua habilidade. «Para isso basta possuir cinco colaboradores de confiança...» — acrescentou. Vinte anos depois, pensando que tinha cinco filhos e não possuía nem um real para lhes deixar e recordando a ideia do português, resolvi *retê-la*, estudá-la — pô-la em prática. Em boa hora o fiz. Em boa hora conheci esse português.»

Vejamos agora quem era esse português. Chamava-se Simão de Andrade, pertencia à família Andrade, proprietária do velho Ginásio, e morreu em 1872, na Rua da Atalaia, 25, na mais negra miséria — ele que era o autor legítimo de uma das maiores fortunas do mundo.

R. X.

## O rei Humad de Tonkin e o Teatro Maria Vitória

CONTA-SE que quando o Alto Comissário francês foi recebido pelo Rei Humad, da Indo-China, o soberano asiático, a primeira pergunta que lhe dirigiu foi: «Qual é a revista que está em cena no Casino de Paris?» É que o espectáculo de revista atingiu uma tal elevação de arte, de brilho, de beleza que sugestão e obceca como qualquer outra manifestação artística. Mas é preciso que...

Se o rei Humad tivesse sido educado em Portugal, a sua primeira pergunta ao Alto Comissário seria saber que revista

estaria em cena no nosso «Maria Vitória».

A revista parisiense, destinada às grandes plateias, aos grandes palcos; a revista espanhola, herdeira hiper-moderna da zarzuela; a revista alemã e *yankee*, exibicionistas de inverosímeis grandiosos, não têm as exigências características das revistas portuguesas. O *tipo*, o *espécime* da nossa revista é, sem dúvida, a *Nau Catrineta*, em cena no «Maria Vitória», cuja *première* ficou registada pela crítica como a mais perfeita realização da revista genuinamente portuguesa, no recorte, na actualização, no brilho, no espírito, na alegria, nos mínimos detalhes. Belo elenco, com Maria das Neves, Maria Matos, Carlos Leal e Costinha à cabeça; um maravilhoso grupo de *girls*; música excitante, cenários apoteóticos; e *Êxito*, *Êxito*, com *E* maiúsculo...

O que falta no «Nada de novo na frente ocidental»

## O maior mutilado da guerra é um alemão e vive (?) no Porto

FOI Barbusse quem iniciou a guerra à guerra com a revelação realista-intelectual dos horrores apocalípticos desse inferno.

«Le Feu» foi bem a labareda que tudo incendiou... A seguir veio Rostand filho com «L'homme que j'ai tué». Wells, em Inglaterra, com as profecias da guerra futura, os industriais cinematográficos de Hollywood com a «Grande Parada» e outros *films* impressionantes; veio a *Ufa* com *A outra verdade* até estrondear uma literatura de máximo efeito — alemã, feita por alemães e começada por Remarque no seu *A l'ouest rien de nouveau*, o livro mais lido dos últimos anos (trinta milhões de exemplares em doze idiomas), e pouco depois *A Guerra, 4 de infantaria, Após, o Sangue e neve* (este último dum húngaro) e o ambiente de terror fez-se, universalizou-se, crispou as almas de toda a Humanidade. Segundo afirma o socialista austríaco Von Kelder, «hoje, só era possível arrastar os homens para uma guerra: a guerra contra os que quiserem fazer a guerra»...

E contudo, ainda falta registar muitos horrores. Eis um dos maiores, dos mais aflitivos que pode imaginar-se e que alguém nos revela: «Vive no Porto uma família alemã composta de três senhoras e dois homens, que veio para Portugal em 1924. Estranharam os vizinhos que do «auto» que os trouxe da estação retirassem um objecto estranho, algo macabro, que eles não poderam ver bem. Esse objecto — são os restos de um homem que... apesar de tudo vive ainda. Chama-se Hugo Ross, tinha 22 anos quando foi para a guerra. Batalhou dois anos e foi ferido várias vezes. Por fim veio a primeira mutilação. Amputaram-lhe uma perna. Ao ver-se aleijado, riu-se e teimou em prestar serviços ainda — nos hospitais. Uma granada explode, enrosca-o nos seus tentáculos de fogo e quando o levantam tinha ele perdido a única perna, os dois braços estavam triturados, os olhos sem luz, surdo e parte da língua e da laringe queimadas... Ninguém lhe dava uma hora de vida. Curou-se de todos os males — mas ficou assim, só o busto, cego, surdo, mudo, sem ouvir o que lhe dizem, sem poder dizer o que quer, o que sofre, sem ver o que se passa à sua volta, sem braços, sem pernas — enterrado no túmulo do seu próprio

espírito, afogado em silêncio, em trevas. Os médicos sentiram tal piedade por este desgraçado que propuseram à família liquidá-lo suavemente. A mãe não quis — não quis ele próprio! E' que conseguiram estabelecer um alfabeto marcócnico para comunicarem com aquele espírito: teclaram com os dedos na frente, formando uma sucessão de letras: *abc def* etc.; quando chega a letra que ele necessita para formar uma palavra move a cabeça, e a mãe volta ao principio — *abc def* etc., até que ele mova outra vez a cabeça e até que se forme uma palavra. Para o interrogar teclaram-lhe nas faces — e ele já sabe que é uma pergunta e fica atento a organizar mentalmente as palavras cujas letras lhe comunicam. Depois passam da face para a frente — e ele responde... em silêncio!

E apesar de tudo quer viver — não quer que o libertem deste inferno pelo caminho bemdido da morte! Como esse desgraçado amava a vida!



Hugo Ross (o do meio), após a primeira mutilação, tomando banhos de sol

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias

# O mistério da Rua dos Correios



O «Marquês da Prova dos Vinhos Maduros» com o filho Antoninho

**A personagem enigmática do Café Patinhas — Um plebeu com o título de «Marquês da Prova dos Vinhos Maduros» — A megalomania de um homem a quem afrontava a existência de um filho — O suplício de uma criança de seis anos — A noite misteriosa — Como um autêntico criminoso se pode transformar numa pessoa de bem.**

HÁ cerca de três meses que o Café Patinhas servia de refúgio àquele cavalheiro. O exame rápido à personagem dera-o como um emigrante acochado pelo infortúnio. A tez macilenta, parecendo vergastada por muitos anos de sofrimento, duas madeixas de cabelos sobre o lábio superior fechando em círculo a boca, a indumentária descuidada, acusando desmazelo e sujidade, o armo físico sem recorte de elegância, construíra na imaginação do *reporter* a figura de um homem simples, talvez odiado a vida, quem sabe se esmagado pelo destino. Mas aquela preocupação constante em torno de um maço de papéis sujos que teimosamente preenchia, enchendo a abertura de todas as orações com a frase: «Pois sou a dizer-lhe...», avolumavam as suspeitas. Tratar-se-ia de qualquer espíon ou de um burlão internacional? Não era possível. A personagem do *Patinhas*, invariavelmente, andava só e pouco lhe interessavam as conversas. Tinha o descuido de todos os obcecados por um a ideia fixa, não notando que o *reporter* espreitava os seus movimentos e atitudes a ponto de ter descoberto várias vezes a frase: «Pois sou a dizer-lhe...»

O estranho frequentador do *Patinhas*, por um singular fenómeno, deixou, de um momento para outro, ao conceito do observador, a sua condição humilde de emigrante plebeu para se elevar à de nobre. Um dia, um dos circunstantes riscou no espaço, numa frase que parecia uma revelação, este tratamento: «Senhor marquês, V. Ex.ª passou a bem?». O homem ergueu o olhar com sobran-

ceria, fez uma vénia discreta e fixou-se de novo sobre o papel em que garatujava. O autor, com sorriso irónico, desaparecia entre o formigueiro humano para a sala do bilhar.

Intrigava-nos aquele homem enigmático, de vida misteriosa, que não tinha uma ocupação conhecida, aparentemente um homem de trabalho, a quem há pouco um cavalheiro havia tratado por marquês, sem que se lhe notasse qualquer vínculo de nobreza. Que pensamento contumaz perseguiria aquele marquês de indumentária suja?

## O QUARTO MISTERIOSO

E naquela noite de agudos uivos de vento, em que o mistério da Natureza se aliava à morte de uma criança, o homem, não menos misterioso, parecia mais perturbado do que nunca. Entrara no *Patinhas* pouco depois das vinte e duas horas, acabrunhado, pensativo, desconfiado e de esgares fisionómicos, e durante mais de uma hora estivera com o olhar colado sobre o mármore, quem sabe se gizando um plano mortal, quem sabe se dominado pela vaga do remorso que o feria. O *reporter* vigiava-o, estudava-lhe as atitudes, rondava-lhe o pensamento. Mas, de súbito, a personagem misteriosa ergue-se, circunvaga o olhar desconfiado pelo «café» e sai, apressado, sob a chuva inclemente que produzia alarido na rua, tornejando para a Rua dos Correios.

O guarda-vento da escada do prédio numero duzentos e catorze daquela rua escancara-se e sobe o edifício o homem enigmático. Os três lanços de degraus são galgados vertiginosamente. No pátio da entrada, mestre Luiz, na sua improvisada oficina de sapateiro, serôa com os oficiais. O martelo bate vigorosamente na sola, quebrando o silêncio da escada, enquanto se ouve o fechar seco de uma porta no primeiro andar.

Mestre Luiz murmura a sua estranheza pelo facto do cavalheiro recolher tão apressado, sob a chuva, a casa, repetindo as frases de desconfiança pela atitude desse homem no dia em que seu filho se encontrava de cama com um purgante. Já quando ele saiu, lhe observou, na bisbilhotice sapateiral, que a noite não estava para passeios, ao que o interpelado retorquiu que ia apanhar um pouco de ar...

— De chuva, talvez — acrescentou mestre Luiz. A escada do prédio duzentos e catorze da Rua dos Correios exala um perfume de essência amoníaca de fabrico felino. De piso irregular, sombria e estreita, tem no primeiro andar três portas cobertas com tintas velhas. O aspecto é sórdido, denunciando a carência de higiene.

Na porta da frente, rasgada ao centro por um receptáculo de correspondência, tinha afixado um cartão quadrangular, com os seguintes dizeres:

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Marquês, João Maria da Fonseca  
da  
Prova dos Vinhos Maduros  
fiel de 2.<sup>a</sup> classe aposentado das alfândegas da  
Colônia de Moçambique  
Rua dos Correios, 214 — 1.<sup>o</sup> andar, frente  
Lisboa

Através essa porta, em que o marquês se separa do João por uma vírgula, passou, há pouco, a personagem do *Patinhas*, enigmática e misteriosa, fechando-se herméticamente naquela espécie de túmulo, com um filho de seis anos, António Maria da Fonseca, que a vizinhança tratava pelo termo carinhoso de Antoninho.

A morte do Antoninho foi friamente preparada por seu pai ou deve-se à inconsciência de um demente?

E até às quatro horas da manhã, naquele quarto de frente, com uma legenda de marquês, pairou o silêncio e o mistério.

Antes de se instalar na pensão da Rua dos Correios, o Fonseca estivera no Hospital Colonial, tendo nessa altura confiado o Antoninho à guarda de uma senhora baixa e gorda. Depois de sair do Hospital, foi morar para a Rua Fernandes Tomaz, 4, 1.<sup>o</sup>, em casa de D. Maria José Rosa, que faleceu

em fins de Agosto último. As filhas da falecida afirmam que, à data de o Fonseca ali habitar, o pequeno era uma vítima nas mãos dele. O «Marquês da Prova dos Vinhos Maduros» nunca levava a criança a passear, alegando que ela lhe servia de estorvo, pois gostava de andar à sua vontade para fazer rapapés às raparigas...

Há uns dois meses o marquês mudou-se para a pensão da Rua dos Correios, 214.

## Há médicos... e médicos

**Um admirável êxito cirúrgico alcançado pelo ilustre clínico dr. João Almendra, brilhantemente coadjuvado pelo distinto médico dr. António Pedro Martins.**

EXISTE o errado e injustíssimo hábito de generalizar de um moco dogmático toda a fusilaria que estremeja no «Reporter X». Generalizam — invertendo o sentido das coisas. Se nós acusamos de mixordeiro um indivíduo que é manco — esses cavalheiros atribuem-nos logo a decisão de iniciarmos uma ofensiva geral contra os coxos, alertando todos os desgraçados que tenham uma perna mais curta do que a outra ou torcida em espiral: «Tenham cuidado! O «Reporter X» vai fazer fogo de baragem contra os aleijados de vosso género... Vocês bem viram a trepa que ceu em Fulano...» Para eles — o nosso *à la charge* foi motivado pelo aleijão físico de Fulano — e o facto de ser



Dr. António Pedro Martins



Dr. João de Almendra

mixordeiro um pretexto, apenas, um incidente, um detalhe sem importância.

Quantas vezes nos têm irritado, dizendo-nos: «Vocês estão sempre às baionetadas nos médicos! Vocês odeiam os médicos!» A técnica destas, opiniões é sempre a mesma. Não vêem, não sentem, não compreendem que desmascarando o médico A, B ou C porque o surpreendemos num erro, numa imoralidade ou numa desonestidade perigosa para o público, não é contra a classe que floreteamos a pena, mas sim contra os elementos incompetentes, imorais ou desonestos que a prejudicam. Se a profissão de médico exige uma consciência pura de sacerdote social, não é possível evitar que a invadam indivíduos indignos da sua missão, como na imprensa — outro sacerdócio social — é impossível manter-se uma selecção constante de jornalistas ao nível dos seus deveres profissionais... Mas se não perdemos a oportunidade de revelar imoralidades, nunca regateamos justiça a quem a merece, indiferentes, no prémio como no castigo, ao *métier*, à classe, à religião, à categoria e à política dos indivíduos.

Citámos apressadamente no nosso último número o nome do dr. João de Almendra, um

(Continua na pag. 13)

UM FILHO QUE ERA UM ESTORVO AOS PLANOS MAQUIAVÉLICOS

O *Patinhas* era uma sucursal daquele cacifo onde se escondera há pouco o frequentador do «café». João Maria da Fonseca, o «Marquês da



Conceição Dias Pereira espreitou e viu um quadro horrível...

A cama onde a criança faleceu, vendo-se lençóis manchados de sangue

Prova dos Vinhos Maduros», diluía seus ócios nos dois lugares, quando do insucesso de qualquer conquista amorosa. Tinha pretensões *donjuanescas*, mas na sua frente erguia-se, como uma muralha ameaçada de obstáculos intransponíveis, seu filho, o Antoninho, como a vizinhança lhe chamava. Todas as missivas madrigalescas, redigidas num português tão tumultuoso como as ideias do Fonseca, obtiveram o desprezo das Dulcineas. O marquês insistia sempre, obstinadamente, com o «Pois sou a dizer-lhe...» Mas os resultados eram pouco animadores, porque as suas cartas ficavam eternamente sepultadas no desprezo das destinatárias.

Fez constar que era viúvo, tendo deixado em África mais três filhos. Acompanhara-o apenas o Antoninho, o pequeno que constituía o maior impicilho da sua vida.

Da dependência da Pensão Nobre ocupada pelo hipotético marquês era encarregada a senhora D. Conceição Dias Pereira, casada com o sr. José Dias Pereira. Assegura esta senhora que o Fonseca nunca recebera qualquer carta de África, dos «filhos», e pela busca passada no quarto misterioso verificou-se essa asserção.

O marquês sofria um pouco da epistolomania amorosa. No quarto que ocupava, de *ménage* triste — uma cama, um armário, um lavatório e uma mesa — observam-se ainda sobre a sua improvisada secretária ensaios de epístolas com madrigais desconexos e inúmeras folhas iniciadas com estas frases: «Meu querido filho João. Pois sou a dizer-te...» Ou ainda: «Meu querido filho José. Pois sou a dizer-te...» Nenhuma dessas cartas chegou a ser escrita, como no-lo asseguram as pessoas da pensão, reforçando assim o que pensavam a respeito deste homem: que o único embaraço da sua vida era o Antoninho.

O encargo do pequeno não era grande. O falso marquês convencionara com o proprietário da Pensão Nobre o pagamento de dez escudos diá-

rios pelas refeições dele e do filho. Como a amizade pela criança era grande, o *carinhoso* pai repartia com o Antoninho uns resíduos das refeições e deglutia o melhor. Por esse motivo o pequeno passava fome, e se não fosse a caridade do hospedeiro e da encarregada teria sucumbido, pois não resistiria aos prodígios que imortalizaram o cavalo inglês da anedota.

Antoninho não parecia filho daquele homem mau. Apesar dos seus poucos anos, era de uma inteligência muito clara, discernindo com estupeficação facilidade e revelando grande mobilidade mental. Respondia a todas as perguntas com extremo equilíbrio, acerto e graça infantil, conseguindo, por esse motivo, as simpatias de todos os da casa, que o estimavam como se estima um filho e o adoravam como a um bebé encantador.

Em contraste, o pai era de dura sensibilidade de alma, selvagem para a criança, sem um afago ou um carinho, agredindo-a constantemente naquele quarto misterioso e ameaçando a criança que a mataria se ela dissesse alguma coisa à senhora D. Conceição.

## A ODISSEIA DUMA CRIANÇA

A infeliz criança sofria todas as torturas sem um lamento. Chorava no quarto as agressões do selvático pai e só quando o apertavam é que narrava o sucedido, com receio de que uma revelação sua levasse o pai a novas agressões. Depois da narrativa da sua odisséia, pedia sempre, quasi implorava, que não dissessem nada a seu pai, para não levar mais pancada.

Um dia, a encarregada da pensão notou que o Antoninho tinha no braço esquerdo uma grande cicatriz que parecia proveniente de uma vergastada. Alvorçada, inquiriu da sua origem. O Antoninho vaciou. Olhou em volta com receio de que o ouvissem. E depois deu a explicação, quem sabe se defendendo o selvático pai:

— Quando me falam nesta cicatriz lembra-me

(Continua na pag. 12)

# Os alçapões de Al Capone

**Remate das confidências sensacionais que nos foram feitas pelo bailarino português Bette Henriques, amigo pessoal do «Rei do Crime».**

*A última carta que recebemos do nosso compatriota — datada de 31 do mês passado — dizia assim:*

**M**EUS caros amigos: Pelo que vos contei até hoje pode ver-se o que foi o período ascendente do reinado de Al Capone. Os seus lucros fabulosos multiplicavam-se todos os meses. O seu bando aumentava, crescia também. As suas tabulagens pululavam por toda Chicago, os seus bordéis refinavam-se como paraísos sacrílegos. O seu tráfico de álcool, vinhos, *whiskys*, cervejas, licôres, etc. tomava proporções desmedidas... Não era só toda a cidade e todo o Estado que lhe fornecia: os seus artigos espalhavam-se por toda a América, deslocados sob os mais engenhosos *trucs* para burlar a polícia defensora da lei seca.

Mas ao mesmo tempo que os negócios prosperavam e que Al Capone se tornava um dos homens mais ricos da América, a sua existência era eletrizada por mil preocupações, mil perigos, mil duelos, mil batalhas. Apesar da força e do poderio da sua organização e da forma sangüinária como castigava as traições — os rivais, os concorrentes aumentavam, degladiavam-se entre si, irritando a opinião pública não só contra eles mas contra todos, e nesses todos ficava sempre Al Capone à cabeça, por ser o primeiro, o mais rico, o mais tenaz, o mais refilão, o mais odiado e o mais popular. Sempre que um rival — calcula-se a existência de uns cinquenta bandos deste género, em Chicago, fora o de Al Capone — cometia uma infâmia, não era contra o infame que se levantavam os protestos mas sim contra Al Capone.

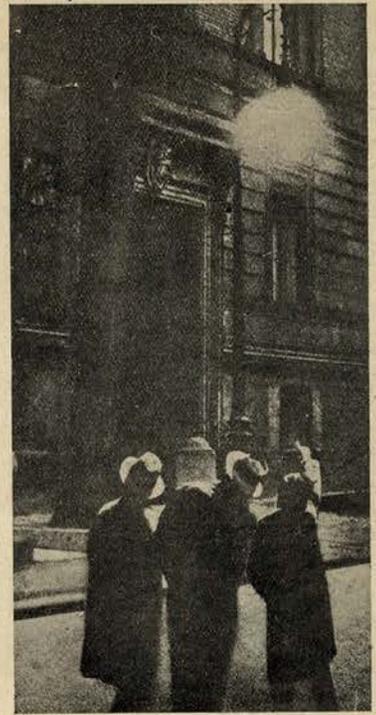
Inteligente, Al Capone tomou resoluções de prudência. Depois de tantas vítimas, seria estúpido perder-se, apanhar uma bala a uma esquina ou

sentar-se na cadeira eléctrica, como qualquer bandido de terceira classe... Continuou a gastar rios de dinheiro no subórno, influndo na política, manobrando eleições, fazendo-se defender por deputados e senadores, e magnates da finança cujas consciências estavam nas suas garras. Mas afastou-se... Mudou de terra. Como cada Estado da América tem as suas leis e alguns não possuem a extradição, ele escolheu aquele que estava em melhores condições para o seu caso e para os casos que pudessem surgir.

Longe de Chicago, é em vão que os jornais que lhe são hostis, que os *trusts* que o odeiam, que a polícia e os juizes que o perseguem sinceramente tentam armar-lhe ciladas, fazê-lo escorregar no insofismável, apanhá-lo para o não largarem mais... Onde está Al Capone? Está longe, muito longe... Está onde não o podem ir buscar, vivendo como um rei exilado, mas entre faustos, num palácio à margem de um lago de águas azues, dando festas, bailando, caçando, jogando, bebendo, rindo, entre amigos dedicados — e alguns ilustres — e entre mulheres formosas. Em Chicago existe uma forte organização para o prender mal ele espreite através das fronteiras que o defendem. E contudo — pasmem — rara é a semana que não se saiba que ele esteve no seu novo palácio de Lincoln Street ou que me veio falar, aqui, nos salões do seu «cabaret» «Colosimo's», que continua a ser o seu quartel-general. Como se explica este mistério?

\* \* \*

Antes de eu vir trabalhar para o «Colosimo's» correu o boato de que Al Capone o tinha vendido a um *trust* de New York. De facto fecharam as portas por umas semanas e veio uma brigada de operários do México, espanhóis, italianos, russos, portugueses, etc.; néle estiveram sem sair um só dia, enquanto duraram as obras, e mal elas terminaram, foram direitos à estação onde tomaram o comboio que devia conduzi-los de novo às suas terras. Durante este período, não comunicaram com pessoal algum. A seguir, o «Colosimo's» reabriu as suas portas, eu fui contratado, sabendo



*O misterioso palacete que operários russos edificaram em Lincoln Street*

então que Al Capone continuava a ser o seu único dono...

Antes deste acontecimento um estrangeiro, um russo, comprou um terreno em Lincoln Street e imediatamente surgiram umas dezenas de operários, todos russos, desembarcados na véspera do início das obras, que enquanto estiveram edificando o palacete viviam em barracas, no jardim da casa, sem o menor contacto com o mundo exterior. Logo que caíram os tapumes e o palacete se exibiu à curiosidade pública, os operários e patrões desapareceram como por encanto, constando depois que o palacete era de Al Capone.

Casos como estes contam-se às dezenas, sobre várias casas, tabernas, tabulagens, hotéis da cidade, e até do Estado, sobretudo próximo da fronteira. E não sei porquê, mal as obras terminam, corre o boato de que foi Al Capone quem as mandou fazer. E sempre com operários estrangeiros, que aparecem e desaparecem misteriosamente.

\* \* \*

A última vez que falei com Al Capone foi ontem. Estava eu lendo um artigo do «Star-News» em que era anunciada uma frente única de todas as forças vivas de Chicago contra Al Capone, com subvenções especiais para que a polícia pudesse agir rapidamente. «Eu não me meto com eles — disse-me o «Rei do Crime». — São eles que me provocam, e não são mais honrados do que eu, pelo contrário. Depois queixam-se. Ou venço ou sou vencido, deixá-lo! Hei-de mostrar-me tal como sou, até à última!»

Estranhei-o! Estava pálido, pessimista, entristecido. Na véspera, o gerente, que até à data se recusara sempre a deixar-me aceitar os contratos que me ofereciam fora de Chicago, dissera-me que podia partir quando quisesse pois era possível que «Colosimo's» acabasse... Não é por falta de clientes. Está à cunha todas as noites...

E ao vêr Al Capone sentar-se no salão, cercado pelos seus guardiães, e ao lembrar-me de que ofereciam 100.000 dólares ao polícia que o prendesse e sabendo que todos viviam na crença de que ele

## Inéditas e sensacionais reportagens

Quem era Texas Jack na vida real? E Buffalo Bill? E todos esses exploradores famosos do Far-West, pioneiros da civilização americana cujas aventuras, perigos, batalhas ultrapassam em emoção e em imprevisto os romances mais fantásticos?

Todos nós, na mocidade, deliramos ao lêr as novelas heroificadas por esses caçadores de búfalos e terror dos peles vermelhas, mas no fundo não acreditamos na realidade humana dessas personagens. E contudo elas existiram, o povo americano ergueu estátuas à sua memória, os historiadores descrevem-nas e glorificam-nas, os turistas podem visitar os lugares onde nasceram, onde viveram, onde dormem o sono eterno.

O *Reporter X*, cumprindo sempre, orgulhosamente, a sua missão de semanário das grandes reportagens, vai começar brevemente a publicar as biografias autênticas, reais, desses heróis

**Texas Jack,**

**Buffalo Bill, etc.**

adquirindo os direitos do seu mais notável historiador.

**Brevemente**

*(Continua na pag. 15)*

# O segrêdo da morte de Ferrer

Vinte e dois anos após o fuzilamento do mártir de Montjuich, revive a sua tragédia



Ferrer, desembarcando no Forte de Montjuich, onde foi fuzilado

NO dia 13 de Outubro de 1909 caiu fuzilado Francisco Ferrer. Os fossos de Montjuich, cenário apropriado de tantas tragédias, foram teatro da «morte legal» daquele homem generoso, o apóstolo da Escola Moderna, que caía vítima do ódio duma monarquia já a entrar na agonia e que pouco depois morreu, e vítima também duma classe que impunha a sua ordem na ponta das baionetas.

Com o pretexto de ter tomado parte nos trágicos sucessos da *Semana Sangrenta de Barcelona*, êle, o apóstolo da paz e do ensino, foi condenado à morte num processo falsíssimo onde tudo era trapaça e calúnia, que só teve par noutro processo monstruoso: o que condenou Dreyfus.

Todo o mundo culto protestou. Primeiro Portugal, pela pena vibrante de Silva Passos — o malogrado jornalista há pouco falecido —, depois em França, em Inglaterra, na América. Em Espanha o Partido Republicano inscreveu no seu programa revolucionário a revisão do processo para logo que se verificasse o advento do novo regime. Vinte e dois anos depois foi em Espanha proclamada a República, e começou a revisão de vários processos, entre êles o de Galán, fuzilado em Jaca, e o de Alexandre Sanchez, fuzilado em Barcelona.

E o processo de Ferrer? Chegou a falar-se na sua revisão, mas essa ideia foi logo abafada. Porquê? E' que há republicanos de hoje, monárquicos de ontem, que veriam os seus nomes envolvidos nesse processo e em condições que não seriam muito airozas, e até um certo deputado das Constituintes, que foi muito aplaudido quando se discutia a questão da Catalunha, veria decerto, ao fazer-se a revisão do processo de Ferrer, a sua popularidade bastante diminuída. E' natural e humano que contra a revisão se levante muita gente em Espanha. O facto é de ontem. Estão ainda vivos os homens que organizaram o processo, que fizeram declarações falsas, os que condenaram à morte e os que mandaram condenar, os que assinaram a sentença e os que a fizeram executar. Contra uns haveria as irremovíveis sanções penais, e contra outros cairia uma tremenda condenação popular que logo no início da República, com a agitação de todos os dias desde o 14 de Abril, seria um caso de ordem pública.

Por isso a revisão do processo que injustamen-

te—todos o reconhecem—condenou à morte o fundador da Escola Moderna não foi consentida nem será por êstes anos mais chegados, não será talvez nunca.

Mas há alguém que por outras causas de ordem politica e de ordem sentimental se opõe também à revisão do processo: é a família de Francisco Ferrer.

Logo após a proclamação da República voltou a Espanha, passados largos anos de voluntário e injustificado exílio, essa figura curiosíssima de tragédia e sofrimento que é Paz Ferrer, a filha do fuzilado.

Que pensa ela do assunto? Sem tibiezas, antes com a natural firmeza de quem está dentro da razão, declara:

— A revisão do processo, para quê? Os políticos de hoje tomariam o facto como bandeira para fazer o povo acreditar numa mudança que não existe. Respeito muito a memória de meu pai para

poder desejar que o seu cadáver possa cobrir mais uma mentira.

A estas informações referentes ao pensamento de Paz Ferrer sobre a revisão do processo de seu pai, que o brilhante jornalista barcelonês Eduardo Guzman tornou públicas numa entrevista que teve foros de sensacional, acrescentava a filha de Ferrer parágrafos do testamento, escrito já na capela, momentos antes de se defrontar com o pelotão que o devia executar, palavras que revelam uma serenidade e uma visão clara, impossíveis de existir na mente dum criminoso, verdadeiramente impressionantes:

«Não vos preocupeis com os mortos, nem trabalheis para reivindicar a sua memória. Peço que ocupeis ante o tempo em lutar pelos que ainda vivem, trabalhando com afinco para os tornar melhores.»

E' deveras expressivo e tocante o que aquele homem escreveu à beira da sepultura, dois segundos antes de ser morto, com a consciência plena de que nada nem ninguém repararia a injustiça de que ia ser vítima e que lhe custava a vida.

Para quê revêr um processo de tal ordem, quando em Sevilha e em Barcelona se põe em vigor a «lei de fugas»? — pergunta *La Tierra*, o diário espanhol mais vibrante das esquerdas.

E pela primeira vez em todo o mundo—queremos acreditá-lo—, na Política e na História se dá o facto extraordinário de inimigos que não recuam perante nenhum obstáculo estarem de acôrdo, embora por bem diversos motivos, assim como não é fácil encontrar a filha dum indivíduo morto violentamente de acôrdo com aqueles que acusa como autores dessa morte, embora êsse acôrdo tenha a base em motivos diametralmente opostos. Nuns — o medo; na filha de Ferrer — razões de ordem sentimental e também politicas. Razões de ordem diversa mas que os põe de acôrdo e que nos leva à certeza que desta vez não será ainda revisto o processo e rehabilitado perante a lei o fundador da Escola Moderna, que não o será talvez nunca.

Mais um ponto do programa revolucionário da jovem República que não será cumprido. Mas não foi o primeiro nem naturalmente será o último.

COSTA JÚNIOR

## O órgão luminoso

«Sinfonia de côr» deixou de ser uma imagem literária arrojada para se transformar numa realidade plena de beleza estonteante. Pela combinação de lâmpadas coloridas, manejadas por um aparelho que tem a aparência de um órgão com teclado e pedais, um artista, um músico da côr



e da luz, pode, como um «virtuoso» do som, tocar as mais maravilhosas e deslumbradoras sinfonias de luz e côr.

Na Norte América começa a usar-se êste instrumento nas salas de espectáculo. Inaugurou-se há pouco um destes aparelhos no Severance Memorial Hall de Cleveland (Ohio). Foi um deslumbramento. Obtiveram-se quatro mil combinações de luz diferentes. As mesmas «nuances» que o organista dá ao som, misturando os graves e os agudos, avolumando acordes, suavizando notas de ternura, se obtiveram com a luz. Esta maravilha da civilização do nosso século cria, assim, mais uma arte, onde, em breve, se distinguirão «virtuosos» famosos como Paderewski ou Viana da Mota, e compositores que escreverão sinfonias de luz como Beethoven e Wagner escreveram sinfonias maravilhosas que ainda hoje nos encantam.

OS MELHORES



ALVAIADES

EM MASSA

Depositários Gerais para Portugal e Colonias:

CARLOS CORREIA & C.ª Lda.

Rua Mousinho da Silveira — PORTO

# O mistério da Rua dos Correeiros

(Continuação da pag. 9)

sempre minha mãezinha. Estava ela no caixão. Atrás, um senhor pregado. Em volta do caixão, outros senhores em pé. Eu ia a passar para beijar minha mãe, uma das velas caiu sobre o meu braço e produziu esta queimadura.

E ficou a chorar durante alguns minutos. Não se cre verosímil a explicação. Não era possível que o lume de uma vela, caíndo rapidamente sobre o braço da criança e resvalando imediatamente para o solo, lhe tivesse produzido uma chaga com aquelas dimensões. Mas o Antoninho tinha medo dum mal maior...

Os maus tratos infligidos à criança produziram, várias vezes, os protestos da encarregada da pensão. De tal forma eles estrugiram que o Fonseca moderou os seus ímpetos. Batia com menos frequência no filho, não sem que o deixasse de castigar de outra maneira, dando-lhe pouco alimento, deixando-o fechado no quarto, quasi em sequestro, privando-o do recreio com as outras crianças da mesma idade.

O falso marquês, despeitado, rugia insultos contra a criança, que vivia sob uma atmosfera de pavor. Só quando o pai estava ausente se mostrava mediante, brincando com as outras crianças, parecendo outro, numa alegria louca própria da sua idade.

A obcecção do feroz pai estava sendo notada pelos pensionistas. Não ocultava o desejo de se ver livre do filho. Era um impedimento para ele, poderia arranjar uma mulher, o que seria um bom futuro. Mas como casar novamente se havia aquele encargo, um filho de seis anos, uma despesa certa a fazer? Nenhuma mulher estaria pelos ajustes em ligar o seu destino ao de um homem já distante dos jardins da mocidade, com meitos anos de África, constantemente achacado pelo paludismo, e sobre tudo isto ainda com um filho pequeno.

João Maria da Fonseca sonhava com um casamento feliz. Via na sua frente o estorvo, e, alucinado pela ideia, maltratava a criança, que era obediente e tinha mais do que respeito ao pai: o pavor que se guarda aos elementos furiosos.

A psicose revelada no seu cérebro tinha um misto de megalomania e de embriaguez. O «Marquês da Prova dos Vinhos Maduros» não denunciava outro estado psíquico. A aspiração de um casamento rico, aliado ao desejo de possuir o título de marquês, dava-lhe o carácter de um megalómano. A circunstância de agregar ao título os vinhos demonstrava-nos uma espécie de paranoia alcoólica. E não se pode inferir que o fizesse por gracejo. Este homem não tinha o espírito dos humoristas nem a ironia das pessoas saudáveis. Antes era um indivíduo galvanizado por uma ideia de grandeza vendo, na sua frente, como uma afronta ao futuro, seu filho, o engraçado Antoninho. E enquanto ele não desaparecesse não sossegaria.

## DE TIRANO A BENEMÉRITO

Certo dia, o João da Fonseca, homem dos enigmas e das surpresas, teve uma ideia, que pelo fundo de benemerência surpreendeu a gente da Pensão Nobre: iria levar ao médico o pequeno Antoninho. A criança gozava de excelente saúde; se alguma doença tinha era fome, e os «cuidados» deste pai, que tão duro se mostrara anteriormente para o garoto, causaram intriga. Que pretendia ele com aquele golpe? Foi-lhe observado que o menino não carecia de medicamentos. O mal dele era fome. O Fonseca, dominado pela ideia, seguiu com o filho para o Hospital Colonial, possivelmente teria dito ao clínico que a criança sofria muito, e, como o Antoninho tivesse vivido quasi toda a sua vida em África, o facultativo receitou-lhe um purgante composto de calomelanos, óleo de ricino um xarope. Pelas informações forneci-

das ao médico, é possível que este tivesse receitado os calomelanos por julgar que a criança em tempos sofresse de biliosa ou perniciososa.

No dia imediato, às 9 horas da manhã, o Antoninho tomou o purgante, conservando-se na cama. As pessoas da pensão forneceram-lhe leite, recomendando ao Fonseca que o menino não podia comer, indicação que certamente lhe foi fornecida pelo clínico. A purga deu o efeito desejado para a criança, mas parecia estar a prejudicar os planos do marquês dos vinhos.

Ao princípio da tarde, o Fonseca, que nunca se preocupara com o filho, deixando a criança oito horas e mais sem ingerir qualquer alimento, começou a manifestar o desejo de que fosse dado um caldo ao Antoninho, com o pretexto de que estava fraco. Fizeram-lhe notar que seria perigoso qualquer alimento a não ser leite, mas o homem, que precisava de casar com uma senhora prendada, não desistiu, e pouco depois o Antoninho



Conceição Dias Pereira e seu marido João Maria da Fonseca, que primeiro tiveram notícia da morte misteriosa da criança

tomava um caldo. Até à noite, por caridade de D. Conceição, o pequeno só bebeu leite.

Cerca das 21 horas, os hóspedes recolheram aos seus quartos e D. Conceição esteve chalaceando com o Antoninho, que se encontrava com admirável disposição, sem denunciar qualquer incômodo. Sobre a hora em que havia sido tomado o caldo haviam passado mais de oito. Se aquele alimento tivesse provocado qualquer perturbação, se os agentes corrosivos tivessem accionado nos intestinos da criança, é muito possível que se notasse algum indicio. Mas não. O Antoninho estava são e escorreito, brincando na cama e sorrindo para a sua protectora.

A porta do quarto — melhor diríamos a grade do túmulo — fechou-se hermeticamente para se abrir uma hora depois e através ela passar o Fonseca, bastante preocupado, em direcção ao *Patinhas*, onde se demorou até à meia noite, conforme referimos no começo desta reportagem.

Foi durante este lapso de tempo que o mistério penetrou nos escaninhos do incognoscível e aqui parece ficar sepultado.

O Fonseca recolheu sob chuva ao quarto da Rua dos Correeiros, naquela noite fatídica em que mestre Luiz o viu passar, mais transtornado do que nos dias anteriores.

## O RECEPTÁCULO DA MORTE

Os ruídos vindos do interior daquela singular

catacumba do primeiro andar do prédio duzentos e catorze da Rua dos Correeiros cortavam o silêncio da madrugada. D. Conceição estranhou que o «marquês», nome por que era conhecido na pensão, estivesse a pé às quatro horas da manhã. Pela frincha da porta espreitou e viu que uma nesga de luz se projectava no patamar. Pé ante pé, avançou até ao local, levantou silenciosamente a mola do receptáculo da correspondência, recuou horrorizada. Acordou o marido, cheia de pavor com o que observara, e disparou-lhe, violentamente, a triste verdade.

— O Antoninho está morto sobre a cama e o «marquês» a coser-lhe o casaco que o anjinho tem vestido!

O marido de D. Conceição não quis acreditar e não daria crédito à informação se sua mulher não insistisse. Levantou-se e foi vêr. Era verdade. O Antoninho estava morto e bem morto. Seu pai poderia já arranjar um casamento rico, porque o cadáver, dentro de poucas horas lançado à terra, não seria um impedimento ao futuro do «marquês».

Notando que havia sido surpreendido, o Fonseca abriu a porta e, sem a mais leve hesitação ou tremor de voz, disse aos circustantes:

— O meu filho morreu esta noite, em resultado da purga.

D. Conceição estava ainda dominada por uma estranha sensação de pavor. Tentou chamar-lhe assassino, mas não articulou uma palavra.

Resume-se em duas linhas o que se passou depois. O Fonseca pretendia apoderar-se da certidão de óbito e fazer o enterro ao filho. Os antecedentes deste homem e o desejo de afastar a criança deram a ideia de se ter cometido um crime de filicídio. E o encarregado da pensão participou o caso à policia. Esta prendeu o Fonseca e enviou para a Morgue o corpo da infeliz criança. Nos interrogatórios, o «marquês» alega que o filho morreu em resultado do purgante, aguardando a policia o resultado da autópsia para proceder. Entretanto, o Fonseca conservar-se-á preso, por lhe ter sido apreendida uma pistola, para a qual não tinha a necessária licença, e terá de responder por este delito, além do que se apure sobre a sua responsabilidade na morte do pequeno.

Mesmo que os peritos do Instituto de Medicina Legal, aberto o cadáver, tenham que recorrer ao exame toxicológico, será um pouco difícil o apuramento da verdade, porque o caricato «marquês», se teve intenção criminosa, soube acautelar-se dos perigos da lei como um autêntico facinora.

Para justificar o nosso ponto de vista, digressemos pelo terreno das hipóteses.

Os antecedentes do Fonseca demonstram claramente o desejo em que estava de que o filho desaparecesse. É crível, pois, que procurasse por qualquer forma aproveitar-se do ensejo da purga.

Como? Se não recorreu ao estrangulamento ou à agressão, facilmente verificado na autópsia, poderia adicionar à purga qualquer materia tóxica que provocasse o envenenamento da criança. Pode vir em reforço desta sugestão o facto de lhe ter sido encontrado no quarto um frasco com álcool, que a encarregada, D. Conceição, garante nunca ter visto nos aposentos do Fonseca. Também é de aceitar que naquelas duas horas, das 22 às 24, que esteve ausente e passou pelo *Patinhas*, tivesse adquirido qualquer substância que obrigasse depois a criança a ingerir. Em qualquer destes casos, desde que se faça o exame toxicológico, é fácil descobrir-se se houve crime, porque os peritos encontrarão essa prova.

E porque razão escondou o Fonseca os lençóis manchados de sangue, substituindo-os por outros? seus e limpos?

Mas se este «marquês», rodeado de todas as cautelas, deu propositalmente o caldo a seu filho, sabendo de antemão que lhe provocaria a morte

E' fácil à ciência e à nossa polícia, mantendo-se na negativa o Fonseca, formar prova da responsabilidade criminal deste pai de maus fígados?

Crêmos que não. É a morte do pequeno Antoninho não passará de um episódio vulgar, sem legenda necrológica, ficando eternamente sepultado na vala comum do mistério com a existência dessas vidas sombrias dos muitos «marqueses» que riscam com a sua moral a epiderme de uma civilização com laivos de barbarie.

ALFREDO MARQUES.

## Há médicos... e médicos

(Continuação da pag. 9)

novo que rapidamente, e sem outra influência do que a das suas faculdades clínicas, do seu amor profissional e do seu constante estudo, se entronizou entre os mestres. O exemplo eloquente da sua intervenção cirúrgica, há pouco dias, no caso gravíssimo que ameaçou o lar do nosso Director, obriga-nos a revelá-lo aos poucos que não o conhecem, e não se conhecer um médico da categoria e da elevação científica do dr. João de Almendra representa muitas vezes uma grave lacuna. Busca-se muitas vezes a ciência sumptuosa dos grandes centros estrangeiros, ignorando-se que no nosso país existem médicos que, graças a um supremo esforço de inteligência e de vontade, electrizados por uma vocação milagrosa, atingiram igual perfeição aos que são aureolados pela fama das grandes capitais europeias. Seria uma ingratidão não evocar o dr. António Pedro Martins, médico da mesma elite e da mesma geração do dr. Almendra, que, colaborando activamente com este, concorreu brilhantemente para o êxito da operação.

O nosso Director, que está legítima e profundamente grato a estes dois ilustres clínicos, não esquece tão pouco o valioso auxílio prestado à sua querida doente por D. Maria da Luz, parteira profissional, uma competência indiscutível.

## Reportagem às cozinhas dos «restaurants»

Vimos gostosamente declarar que nada do que publicámos na «reportagem às cozinhas dos «restaurants» — que tão grande sucesso causou — se refere ao «Café Nicola», onde predominam o asseio e higiene.

## A B C-ZINHO

É o jornal mais querido das crianças

Sai às segundas-feiras

Vende-se em todas as boas tabacarias

# T S F... X

A propósito da crise teatral... Um dos nossos redactor esteve a curiosidade, quarta-feira última, de espreitar seis teatros. Todos eles estavam cheios; num «*não havia bilhetes na casa*»; e mesmo dois, cujas peças caíram, se não transbordavam de público, podiam orgulhar-se de uma boa receita... Crise! E que o cinema asfixia o teatro! E que... Cantigas! E tão teimosa a simpatia pelo teatro que até tragam, sôfregos, óleos de rínicos que alguns — alguns apenas — lhes impingem...

ENTRE nós não existe o que se chama uma vida intelectual, uma sociedade literária que permite lá fóra — em França, por exemplo — grandes tiragens de jornais folhudos e exclusivamente dedicados aos bastidores da literatura e da arte, com o *Gringoire*, *Les Nouvelles Littéraires*, *Candide* etc., que não só são lidos pelos profissionais como também pelo público que se interessa imenso por estes assuntos. Daí a falta de reflexo popular que tem tido o conflito teatral-literário-jornalístico, em redor das «Duas Chamas», do sr. Tomaz Colaço e do sr. António Ferro. É merecia um pouco de atenção. O sr. Tomaz Colaço é, na literatura, um jovem elegante, com indiscutível valor, mas exageradamente dogmático, escravo dum apelido que teve época — mas que não é já suportável na nossa —, demasiado conservador e pouquíssimo rapaz. Não vimos a sua peça — não a criticamos, pois. Dizem-nos que peca por uma falta absoluta de teatro — não falando já em dinâmica teatral própria dita, mas sobretudo em visão de palco. Não sabemos se é verdade... Mas o conflito é outro.

O sr. Tomaz Colaço não compreende (e não queremos discutir as suas razões) que os seus livros, os seus artigos, os seus versos dificilmente passam a fronteira dos salões que frequenta — quando outros mais profissionais, mais... em dia, embora menos... menos dogmáticos, triunfam. Sempre que pode, faz de António Ferro o símbolo desses triunfos e ataca-o com nervosismo, sacudindo, impetuoso, a guedelha romântica e loira. A última vez foi quando António Ferro foi à América. Houve alguém que protestou contra essa viagem, porque, dizia, era ele quem finha tido a ideia. António Ferro respondeu, se bem nos lembra, que viagens inéditas para a América só conhecia a de Colombo. O sr. Tomaz aproveitou a oportunidade e zaz — floreteou a pena contra o sr. Ferro. E o sr. Ferro sorriu, partiu, publicou um livro, tornou a partir e a voltar muitas vezes, tornou a publicar outros livros — e esperou a *revanche*. A *revanche* foi a peça do Gimnásio. Mas não é só o

VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

sr. Tomaz que não gosta do sr. Ferro. Existem muitos outros, nas letras e no jornalismo — e ei-los em volta do sr. Ferro, em defesa do sr. Tomaz, de quem também não gostam, mas a quem preferem entre os dois, visto que o sr. Tomaz não conseguiu o triunfo — o triunfo material, pelo menos, do sr. Ferro. E continua. Deve ser pitoresco o desenlace...

## OUTRO RÁDIO

— Allô!... Allô!... E' do «Reporter X»? Então queira escutar. Aqui fala do *Varietades* — o teatro do Parque Mayer. — Allô!... Allô!... Não nos conhecem pela voz?... Falam Satanela e Beatriz Costa... Costa do Sol... Sim, fomos à Costa do Sol porque nos convidaram... Um atencioso convite... Mas no fim tivemos que pagar a nossa despesa. Uma continha calada! A Satanela gastou duzentos e tantos escudos e eu (é a Beatriz Costa... sem sol que fala) paguei cento e tantos mil réis. Acham caro? E' assim a última moda: convidam-se as pessoas para pagarem... Allô!... Allô!...

Um parasita interrompeu as comunicações. Quem será o parasita? Há tantos...

## O segredo das noites de inverno

Nestas longas e insípidas noites do inverno que começa, quando a chuva tamborila nos vidros da janela e o vento assopra as suas cóleras seculares, que tortura sentirmo-nos prisioneiros do nosso lar, sem coragem para afrontarmos a intempérie e asfixiados pela tristeza e monotonia de não sairmos! Mas este inverno o *Reporter X*, que era já, pela sua leitura e pela emoção dos seus artigos, um bálsamo para os pobres encarcerados pela tempestade, oferece-se, milagrosamente, para transformar a tristeza e a monotonia dessas noites em íntimos gozos, em vibrantes sensações espirituais. As *Batalhas Navais* do seu Concurso «Kolosso», igualmente, em interesse, os mais valorosos espectáculos. Leiam as condições do nosso concurso.

AZEITE  
SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4697 — PORTO

O «Reporter X» vende-se em todas as tabacarias

# UM DRAMA EM 1809

cujo herói é José Roxo, o célebre esbirro português do princípio do século XIX

SE o nome de José Roxo pertencesse a um agente da P. I. C. dos nossos dias, se o vissem frequentar os «cafés» onde por excepcional capricho aparecemos às vezes, se, por um acaso de rua, o surpreendessem a sair da nossa redacção — essas línguas de ponta e mola que são as dos intriguistas de esquina tinham pretexto para nos ferir com o traço covarde de um «boato». Seriam capazes de insinuar que éramos o *press-agent* do seu reclamo, que lhe devíamos a generosa falcatrua de nos soltar após um flagrante atentado contra D. José I ou que lhe pagávamos, em vistosa e sonora publicidade, o silêncio daquele assalto ao palácio de James II de Inglaterra — cuja autoria fôsse ele o único a conhecer...

Infelizmente para esses pescadores de lódo — nenhuma dessas hipóteses pode ser aplicada visto que os cadáveres dos dois José Roxo — pai e filho — há mais de um século que se diluíram na terra, mãe de todos os corpos, e não é crível que as suas almas, por muito penadas que estejam pelo esquecimento injusto em que se encontram, tenham passado... *d la caitse*...

José Roxo, pai, foi uma das mais fortes e gloriosas intuições policiais do século XVIII. Serviu a política pombalina — apagado pela sombra velhaca do chefe, que se abotoava com os louros do seu subordinado. José Roxo, filho, foi «mosca» da Intendência num período bem difícil — o das invasões francesas; e tendo herdado o temperamento policial paterno, não se limitava a ser o que nós hoje chamaríamos um grande «detective»; foi sobretudo um bom português.

O episódio inédito que temos hoje a oportunidade de revelar e que é heroico é a prova dos nove da nossa afirmativa. Mas antes de entrarmos na matéria — é dever de justiça explicar como chegou ao nosso conhecimento cento e vinte e dois anos depois... O nosso ilustre amigo dr. Henrique Moreira, estudioso pelo prazer de viajar pelo passado — «sport» a que se dedica nas longas vigílias do seu solar minhoto —, escreveu-nos a seguinte carta: «Famalicão, 21 de Outubro de 1931: Meu caro amigo: Li há pouco, num jornal da província, que V. terminara um drama histórico, de colaboração com Mário Domingues, intitulado «1808», no qual entrava a estranha figura de José Roxo, filho, um «Sherlock» profético, como V. já lhe chamou uma vez. Ora bem. Ele foi de facto um ardente patriota, conhecem-se algumas das suas façanhas contra Junot e em favor de portugueses ameaçados pela cólera e tirania dos dominadores — mas ignora-se um dos episódios mais curiosos e novelescos da sua vida e que se refere, precisamente, à sua acção patriótica. Sabia que nos finais de 1809 José Roxo se ausentara de Portugal — para só reaparecer no ano seguinte. Qual a causa dessa jornada — desconheço eu... Ora, desencaxotando outro dia uma livralhada que mandei comprar a França, encontrei um livro bem curioso: *L'espionage et l'Empire*, de Marsillac, que foi um segundo Fouché — *L'homme aux yeux de Fauve*, como Henry Flassch alcunhou o célebre ministro da policia de Napoleão. Marsillac, prudente e velhaco como o seu mestre, só publica as suas memórias quando tem a certeza de que elas não podem prejudicá-lo, ou seja alguns anos depois da derrota de Waterloo — em 1820. Qual não foi o meu espanto ao rever o índice e encontrar o nome de *Joseph Roxo — l'espion portugais*. Envio-lhe, registado, o livro em questão para que V. aprecie a coragem dêsse esbirro, a sua imaginação e o seu patriotismo. De V., etc., Henrique Moreira.»

Vejam agora, em síntese, o que Marsillac nos conta de José Roxo... «Pelo visto, Junot e os seus lugares-tenentes, que ao princípio da sua dominação em Portugal confiavam cegamente na *lealdade* do esbirro, julgando-o um vendido como tantos outros, acabaram por suspeitar dele; e essas suspeitas atingiram, por último, tal volume que José Roxo achou preferível escamotear-se a tempo, refugiando-se não se sabe onde. O que se sabe é que Junot deu-lhe a honra de o citar nas suas cartas para Paris como um dos elementos mais perigosos do ódio ao invasor e que a policia francesa o registou, abrindo-lhe *dosster* especial — honra maior ainda para o nosso compatriota.

Em que se baseavam as suspeitas de Junot? Em que José Roxo disputava para si, com entusiasmo, todos os serviços de perseguição aos rebeldes e conspiradores — mas os aludidos, como por milagre, desapareciam e escapavam à justiça. Por último, foi o caso de Manuel Tojal que lhe fez perder por completo a confiança de Junot. José Roxo encarregava-se de descobrir os fins dessa conjura popular, chefiada por alguém que a dirige na sombra mas a quem Manuel Tojal obedecia... Roxo anuncia ao dominador que as reuniões se dão numa casa em S. Paulo... Dada a ordem para assaltar os conspiradores, trazê-los vivos ou mortos e agir com a maior cautela — José Roxo vai cumpril-a, acompanhado de vinte soldados franceses; mas ao chegar à casa indicada — esta estava deserta. Quem avisara aquela gente — se apenas três pessoas conheciam o assalto: Roxo, Junot e o sargento francês que comandava os soldados? Na mesma noite Tojal é preso, nos arredores, por um oficial francês. Condenado à morte — consegue escapar-se do quartel dos Paulistas, onde o tinham fechado. Quem lhe dera a evasão? A última pessoa que entrara no cárcere tinha sido José Roxo — a pretexto de lhe *arrancar mais alguns segredos*... Junot, por pouco brilhante que fôsse a sua inteligência, compreendeu logo o *truc*... Eram coincidências a mais — mas José Roxo... também tinha desaparecido.

Derrotadas e expulsas de Portugal as tropas de Junot — José Roxo reaparece nas ligas patrióticas, que o encarregam, de acordo com Inglaterra, de ir para Paris espionar. O seu nome e a sua pessoa eram demasiado conhecidos na capital de França e, caso o descobrissem, tinha poucas possibilidades de salvação. Que habilidade, que coragem, que inteligência não eram precisas para que ele vivesse em Paris durante meses, frequentasse os antros mais perigosos, se apossasse de documentos e segredos, os expedisse para Londres ou para Lisboa — sem que dessem por ele?

Uma mulher — sempre as mulheres —, Adrienne Sarvel, atriz sem categoria, por quem ele se enamorara e se distraí, denuncia-o a Fouché. Ele surpreende a tempo o gesto da amante — e sabe que ela o engana. Adrienne combinara com os

esbirros de Fouché que estes lhe invadissem o camarim à hora em que Roxo costumava visitá-la. Roxo não se desconserta. Ele sabe ainda que o homem com quem Adrienne o engana é um espanhol de vida misteriosa... A' hora combinada, a policia assaltou o camarim — mas, em vez de Roxo, encontrou o outro amante, o espanhol. Bem pôde a actriz berrar que não o levassem, que não era aquele — bem pôde o espanhol protestar, jurando não ser português, nem espiã, nem Roxo... No acordo que fizera para a venda do amante — ficara assente que ela representaria esse papel, que fingiria uma grande dor e que simularia uma defesa feroz... Igualmente ficara previsto que José Roxo, como era natural, juraria... não ser a pessoa procurada... Que milagre fizera com que Roxo fôsse substituído pelo espanhol naquele grave momento? Roxo enviara um recado ao rival, em nome da amante, pedindo-lhe para estar, sem falta, no seu camarim à hora, que ele sabia, da visita da policia... Desta forma libertava-se, ganhava tempo — e castigava a traidora. O mais curioso é que o espanhol foi fuzilado como José Roxo — e este conseguiu fugir para a Alemanha, onde viveu ainda durante uns meses e onde se casou com a filha de um oficial da policia prussiana.



1.º — Reconstituição gráfica do fuzilamento do espanhol em 2 de Dezembro de 1809; 2.º — O assalto ao camarim de Adrienne Sarvel; 3.º — A casa do coronel Holbenberg, de Frédéric Strasse, onde viveu José Roxo, em Berlim

# Homens & Factos do Dia

(Continuação da pag. 3)

ambições que degradam. Nem assistiríamos ao espectáculo repugnante de alguns que se proclamam directamente inspirados pelo seu exemplo divino atentarem contra as suas mais belas palavras e atitudes.

MÁRIO DOMINGUES

# Al Capone

(Continuação da pag. 10)

estava longe, muito longe de Chicago, perguntei a mim mesmo como era que esse homem conseguia aparecer e desaparecer na cidade que o odiava e que estava atenta contra ele... Súbito, um dos seus pistoleiros de smoking veio cozinhar-lhe em segredo. Rápido, ergueu-se, atravessou a sala e entrou num corredor labiríntico. Nesse momento já a casa estava cercada pela polícia, que não tardou em assaltar o «cabaret» e revistá-lo de alto a baixo sem o encontrar. Como conseguira fugir? Soube depois que igual assalto se dera ao palacete de Lincoln Street quando Al Capone lá estava, e que a polícia perdera igualmente o seu tempo. Desabafando com o gerente, este comentou, sorrindo: «Milagres dos alcapões do patrão! Al Capone possui mais de cem alcapões e todos tão bem disfarçados que ninguém dará com eles. E que dessem, era-lhes inútil. Desciam, caminhariam por galerias subterrâneas, e de súbito teriam de parar, chocando-se contra muralhas infranqueáveis que só obedecem e se abrem às ordens secretas de Al Capone. Toda esta rede de galerias ocupa perto de cinco quilómetros sob a cidade... É obra dos russos, que os russos para isso são maravilhosos.»

## Novela Policial

O MAIOR ÊXITO DA LITERATURA EMOCIONANTE

PELA PRIMEIRA VEZ O NOSSO PÚBLICO POSSUE UMA LEITURA POLICIAL PORTUGUESA, DESENVOLVIDA EM PORTUGAL, COM PERSONAGENS PORTUGUESAS, EM REDOR DE ASSUNTOS PORTUGUESES

Leiam a

NOVELA POLICIAL

Acabei o meu contrato. Vou partir de Chicago. Al Capone, com grande surpresa de todos, apresentou-se voluntariamente à prisão. Ele não ignora que este gesto representa a sua perdição. Que misterioso impulso o levou a este sacrificio? Quem poderá revelar um dia todos os mistérios que esse homem oculta?

De V., etc.  
Bette Henriques.

FIM DA REPORTAGEM

Lisboa civiliza-se

## AS NOITES DO «Galo de Ouro»

UM dos erros mais graves dos nossos costumes antigos era ver na distração, no legítimo gozo das horas de liberdade, honradamente ganhas, no repasto menos abusivo e mais simples dos prazeres da vida, um vício, uma imoralidade, um sintoma de indignidade. Para os nossos avós — e em muitos casos para os nossos pais —, todo o homem ou rapaz que não fizesse do aborrecimento uma virtude, que após o esfaleamento da luta diária não encaufasse os pés nas pantufas e não ficasse a escabecear de sono até à hora de dormir, era considerado um estroina, um vicioso, um mau companheiro e pior pretendente a casamento. Existem terras de uma província em que se diz com orgulho: «Aqui não há «cafés» nem cinemas, e quando vem uma troupe de saltimbancos, poucos cedem à tentação diabólica de a ir ver. É que nesta terra toda a gente é honesta, séria; vive na casa com a família — não anda nesses vícios que são pecados mortais.» Numa grande cidade do país ouvimos nós dizer que Berlim, Londres, etc. eram terras de mandriões porque toda a gente se divertia... E perguntando nós uma vez a um rico dessa cidade que nos confessara a monotonia dolorosa das suas noites porque não frequentava os teatros, respondeu-nos: «E' que começam a falar... Não é sério andar sempre em teatras!»

Felizmente, Lisboa tem-se civilizado. O tempo das pantufas, do chá e torradas às dez e da colecção de selos, acabou. Todos nós sabemos que, ao contrário do que pensam os caturras beatos de aldeia, os divertimentos não são gérmen de vícios e de madraçaria mas sim o prémio justo e saudável de quem trabalha; que os que se divertem trabalham mais dos que não têm sequer a ambição de se distrair; que as distrações são a higiene do espírito como o banho é do corpo. Quasi sempre o inimigo da alegria alheia é o que não se lava para não se constipar. As razões são as mesmas. E tanto assim que — lemos há tempos numa crónica do nosso Director — as cidades que menos produzem são as que têm menos teatros, cinemas, music-halls, dancings, cafés, etc.. Paris, Barcelona, Liverpool, Hamburgo, Praga, Milão — por exemplo —, cidades cuja actividade atinge o paradoxismo, possuem o dobro, o triplo dos espectáculos e distrações, na relatividade da sua população de Bordeus, Madrid, Londres, Berlim, Viena e Roma...

Lisboa, felizmente — já o dissemos —, entrou na verdade... Quem trabalha, diverte-se; só não pode divertir-se quem não trabalha o suficiente para poder divertir-se... E em consequência os divertimentos da capital civilizam-se, elevam-se, estilizam-se, em ritmo com a evolução do gosto do público. O «Galo de Ouro», evocação do mais célebre e original espectáculo que S. Petersburgo dos tzars e dos grã-duques criou — *Le Coq d'Or*, o famoso *dancing* e «Block» de distrações —, é bem um símbolo — um símbolo triunfante, a cuja iniciativa é necessário render homenagem. A mocidade e... os que já a passaram encontram no «Galo de Ouro» as noites mais suaves, mais alegres, mais higiénicas sob o ponto de vista espiri-

tual, de toda a Lisboa. Os poucos lisboetas ou forasteiros que nunca lá entraram mas que ouvem continuamente citá-lo em todas as conversas julgam talvez exageradas as reminiscências com que os outros o evocam — e não são. Uma noite passada no «Galo de Ouro» é uma noite inolvidável, uma noite que marca, que perdura, que se deseja repetir... Porquê? Porque reúne todas as essências do bem-estar, da alegria, do espectáculo moderno. Luz, viveza, harmonia, bom gosto, arte, ruído sem estrondo, com sem exagêros berantes, prazer sem intoxicação — prazer saudável e saboroso. Baila-se... Pelo *parquet* desfilam as mais lindas e sorridentes mulheres da juventude lisboeta... As artistas que trabalham nos seus programas vêm aureoladas pelo renome mundial.

Os amadores de música encontram no «Galo de Ouro» os melhores executantes... E sem darem por isso, todos os que vão premiar-se com umas horas de prazer inofensivo — praticam ao mesmo tempo uma boa acção. Da receita do «Galo de Ouro» saem, todos os meses, dezenas de contos destinados à Beneficência. E como para a alquimia dessas noites inigualáveis são necessários setenta e cinco funcionários — os que as gozam, podem, simultaneamente, alegrar-se com a ideia de que colaboram na garantia do pão diário de duzentas e tantas pessoas, correspondentes às famílias dos empregados do «Galo de Ouro».

... Daí a fama sempre crescente do «Galo de Ouro».

EAU RUBINOL

EAU RUBINOL MERVEILLEUSE

DEFENDA O SEU ROSTO

ES. E PRODUCTO É O MELHOR DESINFECTANTE, TONIFICANTE E ELIMINADOR DAS IMPUREZAS QUE SE AGREGAM AO ROSTO; É O REVIVESCEDOR DA CUIZAS, REFRESCA A ANACIA-A E DA-LHE UM AVELUDADO MAGNÍFICO.

20 ANOS DE ÊXITO E PREFERENCIA EM FRANÇA

10 ANOS DE CONSTANTE SUCESSO ENTRE A CLIENTELA DA

SECÇÃO FEMININA DO A B C

RUA DO ALECRIM, 69 LISBOA

MANDA-SE PELO CORREIO À COBRANÇA PEÇA UM CATALOGO EXPLICATIVO

L. Bergaud PARIS

# Novela n.º 34

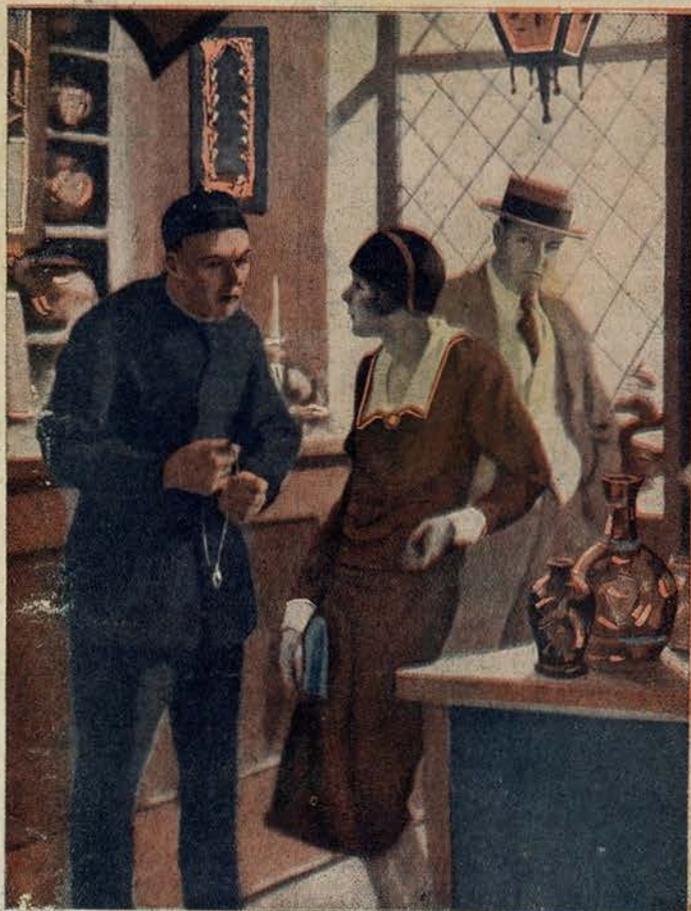
## Um crime no "13"

Quinta-feira, 5 de Novembro de 1931

**Sensacionalíssimo  
original inédito  
de Ruy Ximenes**

# LEIAM

Devido a remodelações dos serviços gráficos do «Reporter X», a «Novela Policial», que não pôde publicar-se durante três semanas, volta agora a aparecer **IMPRETERIVELMENTE A'S QUINTAS-FEIRAS**, sensacional como sempre.



## Breviário de Beleza Livro de MADAME DENTELLE para as mulheres portuguesas

Repositório de muitas coisas que a mulher de todas as idades deve saber, para o seu bem-estar, para ser feliz e dar alegria e felicidade às pessoas com quem convive

### LIVRO QUE ENSINA A ARTE DE SER BELA

Saber conservar a mocidade — Evitar os traços implacáveis do tempo — Aprender atitudes e boas maneiras — Indicações sobre preceitos do convívio na sociedade — Como se conquistam simpatias — O culto da beleza do corpo, pela ginástica de movimentos simples e fáceis. Este livro é ilustrado com muitas gravuras que explicam como e quando se deve fazer a ginástica indispensável a todas as senhoras — A higiene física para manter a agilidade, poderoso factor na estética feminina — Como se conserva a juventude, na expressão fisionómica, nas atitudes e nos movimentos

#### BREVIÁRIO DE BELEZA

É um livro precioso de leitura amena, cheia de ensinamentos úteis, impresso em magnífico papel e profusamente ilustrado

Escudos 2 (PELO CORREIO MAIS 50 CENTAVOS)

PEDIDOS A **MADAME DENTELLE**

Secção Feminina da revista «A B C»

(RUA DO ALECRIM, 69, r/c.

As remessas podem ser feitas em estampilhas, notas do Banco ou vales do correio